

SOBRE A DEMOCRACIA NO COTIDIANO DA ESCOLA PRIVADA: UMA ANÁLISE DE CATEGORIAS

ABOUT DEMOCRACY IN THE EVERYDAY LIFE OF THE PRIVATE SCHOOL: AN ANALYSIS OF CATEGORIES

**José Luiz MARQUES¹
Silvana de Sousa LOURINHO¹**

O trabalho de pesquisa que desenvolvemos no decorrer do primeiro semestre de mestrado em Educação², orientado pela profa. Dra. Dulce Maria Pompêo de Camargo, na disciplina “Seminários sobre a Universidade e a Formação de Professores para o Ensino Fundamental e Médio” procurou traçar, por meio de análise de categorias, um perfil, ainda que restrito, do espaço escolar privado e um perfil do professor que atua nesse espaço.

As categorias que, *a priori*, foram objetos de análises tiveram seus aportes mais significativos em textos teóricos estudados e analisados em sala-de-aula.

Além dessas, as categorias que *a posteriori* foram analisadas, surgiram das pesquisas empíricas e encontram naquelas teorias fundamentações que nos levaram a incluí-las neste relatório.

Foram pesquisados sessenta e três professores, dos três níveis de ensino fundamental, médio e superior. As questões que fundamentaram a pesquisa foram:

Na sua opinião, em primeiro lugar, o que é mais importante para se dizer que um país é democrático? E em segundo lugar?

Elaboramos uma relação de respostas as quais os pesquisados deveriam apenas assinalar por ordem de importância, ou seja, como a primeira e como a segunda. São elas:

a) que existam vários partidos

⁽¹⁾ Mestrandos em Educação – PUC-Campinas.

⁽²⁾ Também participaram desta pesquisa os alunos André Luis Cuchiaro, Fábio Guerra Contrera, Sandra Regina Sarto, Silvania Maria Bernardes, alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas.



Comunicação

b) que todos tenham alimentação e moradia

c) que brancos, negros, homens, mulheres, pobres, ricos, todos sejam tratados igualmente.

d) que as pessoas possam participar de sindicatos e de associações.

e) que se possa criticar e protestar

Por meio dos resultados obtidos na pesquisa quantitativa, evidentemente, com o aporte do texto de Dagnino (1994), fizemos um levantamento de dados e chegamos a algumas análises que destacaremos a seguir, conforme tabela abaixo:

Tabela de Pesquisa Quantitativa: 63 pesquisadores.

OPÇÃO	MILITANTES		SEXO		IDADE		
	S %	N %	F %	M %	18 A 25 %	26 A 40%	+40%
A= 8=13%	2 = 32,%	6=9,5%	5= 7,9%	3= 4,8%	1= 1,5%	4= 6,5%	3= 4,7%
B= 7=11%	1=1,5%	6=9,5%	5= 7,9%	2= 3,2%	1= 1,5%	4= 6,5%	2= 3,4%
C=24=38%	4=6,3%	20=32%	16= 25%	8= 13%	7= 11,4%	16=25,3%	1= 1,5%
D= 6= 9%	1=1,6%	5=7,9%	3= 4,8%	3= 4,8%	2= 3,1%	3= 4,7%	1= 1,5%
E=18=29%	3=4,8%	15=24%	11= 17%	7= 11%	2= 3,1%	10=15,8%	6= 9,5%
T=63=100	11 17%	52 83%	40= 63%	23= 37%	13=20,6%	37=58,8%	13=20,6%

ESCOLARIDADE					SÉRIE			
MÉDIO	GRAD.	ESPEC.	MEST.	DOUT.	1 A 4	5 A 8	ME	SUP.
	2= 3,1%	1= 1,5%	3= 4,7%	2= 3,6%	1= 1,5%	3= 4,7%	2= 3,1%	2= 3,3%
	3= 4,7%	4= 6,6%		1= 1,5%	2= 3,4%	1= 1,5%	1= 1,5%	3= 4,7%
1=1,5%	8=12,6%	3=4,7%	9=14,2%	3= 4,7%	5= 7,9%	2= 3,4%	5= 7,9%	12=19%
	2= 3,4%	1=1,5%	2= 3,3%	1= 1,5%	1= 1,5%	1= 1,5%	2= 3,4%	2= 3,4%
1=1,5%	5= 7,9%	3=4,7%	6= 9,5%	3= 4,7%	4= 6,3%	3= 4,7%	5= 7,9%	6= 9,5%
2= 3%	20=31,7%	12=19%	20=31,7%	10=15,8%	13=20,6%	10=15,8%	15=23,8%	25=39,8%

ESCOLAS		TEMPO DE SERVIÇO			
PÚBL.	PARTIC.	05/10A	10/15 A	15/20A.	MAIS/20
3= 4,7%	5= 7,9%	1=1,5%	2= 3,4%	4= 6,3%	1= 1,5%
4= 6,4%	3= 4,7%	1=1,5%	2= 3,4%	3= 4,7%	
4= 6,4%	20=31,9%	4=6,4%	6= 9,5%	9= 14%	4= 6,6%
1= 1,5%	5= 7,9%	1=1,5%	2= 3,1%	2= 3,4%	1= 1,5%
4= 6,4%	14=22,2%	5=7,9%	4= 6,3%	4= 6,3%	2= 3,4%
16=25,4%	47=74,6%	12=19%	16=25,4%	22=34,9%	8=11,2%

No que se refere à análise de discurso dos entrevistados, observamos que ao item C, ou seja, aquela que se relaciona com a democracia por meio do pressuposto de que brancos, negros, mulheres, homens, pobres, ricos, todos sejam tratados igualmente, foi indicada por trinta e oito por cento deles, denotando então, que o princípio básico para se ter um país democrático é a igualdade de direitos, fortemente ligado à noção de cidadania e à democracia, porém nos resultados parciais da pesquisa, notamos a forte inclinação dos sujeitos pesquisados para o paradigma “pós-moderno” em que, segundo Foucault (1981) o “sujeito é um observador social e valoriza as ações e interações a partir de uma intencionalidade dirigida”, advinda do fato de que a militância social dos entrevistados resume-se a um percentual muito baixo, ou seja, abaixo de quinze por cento.

Na prática, a pesquisa aponta as associações e os sindicatos como as últimas representações escolhidas, dando-nos a idéia de que essas representações pouco ou quase nada fazem pela categoria e que a liberdade de expressão sindical perde sua força representativa do coletivo.

Esses apontamentos nos remetem à falta de participação social, apontam necessidades de mudanças no (re) pensar a democracia participativa e mostram também a influência do autoritarismo social dos empresários da educação, uma vez que estamos analisando, em sua maioria, professores de escolas particulares.

Nessa análise, observamos também a contradição entre o discurso teórico e a prática, em que a militância e a democracia acabam religadas à questão do domínio do saber e do poder, influências de idéias doutrinárias neoliberais.

Além disso, os discursos apontam o individualismo e a competitividade como categorias indispensáveis ao funcionamento do modelo

capitalista e do que hoje a globalização tem produzido no âmbito educacional.

Quanto à situação econômica e social dos entrevistados, observamos que os pesquisados são, em sua maioria, pessoas entre 26 e 40 anos e expressam a idéia de “status”³ social por meio da profissão que exercem e por meio da instituição para qual prestam serviços.

Em uma observação mais subjetiva, percebemos que os sujeitos pesquisados pouco apresentam preocupações com projetos futuros e vêem o presente como o mais relevante, um presente relativista, acomodado. Além disso, embora dezoito por cento tenha optado pela resposta E, aquela em que se pode criticar e protestar, os entrevistados aparentam diferentes reações que denunciam o receio de que seus conhecimentos teóricos sejam investigados, ou até mesmo, avaliados e de que sua situação profissional possa ser ameaçada e colocada em risco.

Por outro lado, o modelo de educação como produção capitalista também foi observado por nós pelos impedimentos do nosso acesso aos professores por parte da instituição escolar, pela resistência dos pesquisados e pela falta de tempo.

Esses impedimentos variaram desde o horário restrito dos intervalos dos professores, o regime rigoroso da hora/aula como tempo capitalista até o acúmulo de funções tecnicistas, que vestem a escola com uma roupagem fordista (NORONHA, 1998) de educação, na ocupação integral dos professores no período em que eles se encontram nela.

Em relação à formação dos pesquisados, observamos que a maioria está entre graduação e mestrado e lecionam no ensino superior privado, mostrando-nos que há um certo esforço para elevar o valor da titulação, esforço este, impulsionado pelas exigências do mercado na busca

⁽³⁾ Entendemos status social a partir da importância da significação da profissão de professor de escola particular vista a partir da diferenciação da significação da profissão de professor da escola pública.

pela “qualidade total” (ENGUITA,1995) como ordem mobilizadora.

Entretanto, os interlocutores parecem se debruçar sobre os seus conhecimentos e suas especificidades para se comunicarem, talvez por quererem salvaguardar seu status e sua autoridade profissional pelo processo acadêmico que vivenciaram ou como se desconfiassem da legitimidade dos saberes constituídos na exigência da prática e pressentissem não serem elementos suficientes para garantirem o reconhecimento profissional almejado.

Por outro lado, em uma interpretação mais subjetiva, percebemos que os entrevistados, em função de suas reações diante dessa pesquisa, parecem dissociar o sentido da pesquisa da prática de ensinar, o que nos fez pensar na falta de articulação ensino/pesquisa dentro e fora da escola, fato em que, segundo Castoriades (1992) “o instituído pressupõe o social instituinte”, ou seja, o professor da escola particular aparenta uma formação que se aproxima das situações localizadas e reais da escola, o que pode servir para se fomentar outra discussão sobre diferenças de paradigmas, mas que não pretendemos desenvolver aqui.

Analisando o exercício crítico dessas entrevistas, é possível sinalizar, entre os pesquisados, a abstração do pensamento em contraponto à *práxis*, em que o fato de se ter a consciência de que se está agindo pode ser a ilusão de que se está transformando.

Outrossim, os sujeitos dessa ação não percebem sequer ou não querem perceber que estão se silenciando diante dos problemas sociais e muito menos que silenciam os outros, ou seja, seus alunos e aqueles que, de alguma forma, lhes imprimem significações.

Nesse conformismo generalizado, a idéia de que “tudo o que funciona é válido” passa a se sobrepor ao fato de que a apreensão da aparência negligencia o entendimento e a análise de uma essência mais complexa.

Portanto, o professor acaba, muitas vezes, despercebidamente, atuando como um mediador

na relação dos sujeitos, incluindo-se aqui ele mesmo, com o mercado material simbólico e dominante que está totalmente determinado pela indústria cultural .

Este professor, resultante do meio e do momento, expressa uma relação ilusória em suas representações e põe a realidade de cabeça para baixo, conseqüência de sua atividade material limitada e de suas relações sociais limitadas que daí resultam.

Abrimos aqui um questionamento a respeito dessa ideologia como cultura: Se as mudanças do pensar não são fechadas e se a militância social pode ser considerada uma variável no meio de tantas outras na construção da cidadania, será que podemos fomentar sobre esses sujeitos, sujeitados às orientações capitalistas da política educacional atual, observadores da realidade que os circunda e que valorizam as ações e as interações a partir de uma intencionalidade dirigida, um paradigma de retomada do passado, porém, com nova roupagem do presente, ou seja, um paradigma do “presentismo” (SCHAFF, 1995)?

Essas categorias *a priori*, analisadas por nós, pesquisadores, deram margem para outras categorias que, *a posteriori*, foram sendo levantadas e também analisadas a partir do trabalho empírico e que, por instinto de um movimento entre teoria e prática, fazemos questão também de elencá-las aqui.

Em uma análise de sistematização do trabalho pedagógico, notamos que a pressão exercida pelo sistema educacional vigente hoje no Brasil influencia o trabalho do professor em diferentes aspectos, apontando-nos graves conseqüências para o aspecto pedagógico, uma vez que esse sistema lhe “rouba” parte do seu tempo com tarefas tecnicistas com interesses, digamos, bastante circunscritos.

A pressão varia desde os mecanismos de controle institucional da “hora do cafezinho” até as políticas pedagógicas de se preparar o aluno para a avaliação, ou seja, para o Exame Nacional de Curso e para o provão nas universidades.

Essa pressão se dá desde a rotatividade burocrática, que impede o professor de dedicar um maior tempo à pesquisa e que dificulta a atualização de suas teorias e de sua prática metodológica, até a necessidade da instituição de se promover, às custas da sistematização do trabalho pedagógico, perante o mercado e perante a sociedade

Foi-nos de observar aqui também que alguns professores, ainda que despercebidamente, acabam contribuindo para que esse quadro de autoritarismo social se agrave ainda mais, no sentido de acomodarem-se diante de novas teorias e práticas metodológicas apresentadas e exercidas por colegas de trabalho e, o que é pior, ainda criticá-las e menosprezá-las.

Embora as categorias levantadas e analisadas pelo grupo nos remetam a uma idéia um tanto quanto desmotivadora a respeito do papel do educador hoje na escola privada, percebemos também que os sujeitos pesquisados, em sua maioria, se consideram ainda agentes de seu papel principal : o de educar.

Mesmo diante de ideologias que dividem pensamentos, considerando a abrangência dos fatores explicitados que permeiam o trabalho pedagógico, os entrevistados nos revelaram com muita convicção, um posicionamento de protagonistas do ensino/aprendizagem e consideraram o lugar institucional do professor no espaço escolar como responsável por instaurar e assegurar as relações de ensino na sala de aula e na tarefa de garantir ao aluno a transmissão do legado cultural, do conhecimento sistematizado ao longo da história da sociedade.

As formas de atuação reveladas por eles por meio da idéia de que o conhecimento do sujeito depende das mediações, da partilha de significações e o interesse deles em ajudar os alunos a falarem e a escreverem melhor nos remeteram à idéia de que o papel do educador sobrevive diante de uma história/fragmento e

que, socialmente, o professor parece ser aquele que mais sustenta o suposto caráter da escola privada: a educação como formação e ascensão social.

Observamos, nos tipos pesquisados, caracteres que se aproximam e se diferenciam a fim de traçarmos alguns perfis desses sujeitos e do espaço escolar privado no qual estão inseridos.

Podemos observar que, diante desse público pesquisado, há dois tipos de educadores que se diferem em seus objetivos e em suas práticas. Dois tipos que convivem em uma instituição com pensamento homogêneo. Para defini-los, apenas por questão de exposição, utilizaremos-nos de palavras de Kuenzer⁴:

O educador sobrevivente: aquele que se vê obrigado a não ser descartado do mercado de trabalho, não aceita e não quer mudanças no sistema educacional, sobrevive explicando-se a sua forma, faz pesquisa ação, exige formação continuada, mas continua caminhando no marasmo institucional da escola privada.

O educador culpado: aquele que ouviu e sentiu que é sua a responsabilidade de mudança dentro do espaço escolar e fora dele, que também é sua a responsabilidade no combate às desigualdades e à violência e que somente um ensino voltado antes à formação do cidadão poderá ser uma luz no fim do túnel para que ele possa, evidentemente, praticizar seus sentimentos. Esse educador parece ser o mais sofrido, pois, ainda que com toda sua consciência democrática, não consegue um trabalho eficaz, pois a sua volta estão os sobreviventes, os acomodados, além, é claro, a estrutura educacional..

Concluimos, portanto, que diante do contexto escolar privado, falarmos em reforma é tremer algumas das bases capitalistas que sustentam a instituição, muito embora, essa palavra se converta em um termo da moda nos

⁴ Palavras da Profa. Dra. Acácia Zeneida Kuenzer, em uma mesa redonda sobre as influências do modelo educacional capitalista no trabalho do professor em sala de aula, realizada na UNICAMP.

discursos que permeiam a prática pedagógica e nos próprios discursos institucionais.

Esses discursos estão muito mais centrados em objetivos que consideram reforma como sendo receitas de novas técnicas de trabalho e novas formas de se repetir o conhecimento científico instituído como verdade pelos materiais didáticos. Entenda-se aqui, essas técnicas como o professor multimídia, o plantão-internet, o método de ensino sistematizado e departamentalizado, enfim, tantos outros que apenas dão uma maquiagem nova ao ensino tradicional, sistêmico, ultrapassado e com poucas finalidades.

Diante disso, o educador da escola privada continua vendo o produto como acabado. Não há tempo dentro da sala de aula para se estudar e muito menos espaço para se trocar experiências.

Esse educador, ainda que despercebidamente, acaba contribuindo para o quadro caótico pelo qual a educação brasileira caminha, acaba por localizar a ciência aos interesses da clientela, por transformar a experiência humana naquilo que muito acontece e quase nada acontece, por homogeneizar os fatos e levar seus alunos à idéia de se adaptarem a eles, sem questioná-los e a conservar a realidade, não como um movimento permanente, mas linear.

O educador democrático não está dialógico, ele é dialógico por sua experiência, por sua capacidade de questionamento e por seu amor ao que faz.

O educador democrático tem a função de selecionar e modificar os discursos de outros campos, de procurar abandonar o discurso regulativo e de considerar o educando como um ser em formação e em produção de conhecimentos.

Nesse contexto em que a escola privada caminha, no qual o autoritarismo social prevalece sobre as formas do conhecimento, em que a perspectiva dos educadores a respeito da educação é gerencial, em que a democracia é mais uma elegante máscara desse autoritarismo,

onde o conceito de educador se divide em fragmentos, bem como a história desse educador, contexto no qual a ideologia como ciência prevalece sobre a ideologia como cultura e em que a pesquisa não dicotomizada é quase inexistente e, quando existe, é banalizada em detrimento dos problemas sociais, resta-nos lançar mão de uma questão um tanto quanto perturbadora e um tanto quanto pertinente para essa nossa discussão e para discussões futuras: Para quem os teóricos da Educação fazem discursos muito bem elaborados e para quê tem servido esses discursos na prática da escola privada hoje?

Referências Bibliográficas

BRUNI, J. Carlos, "Ideologia e cultura". In: **Ciências Sociais**, (coletânea de textos), CENP, SEE/SP, 1986.

CASTORIADES, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Tradução de Rosa Maria Boaventura, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

DAGNINO, E. (Org.). Os movimentos sociais e a emergência de uma nova cidadania. In: **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ENGUITA, Mariano Fernández. **La profesión docente y la comunidad escolar: crónica de un desencuentro**. Madrid: Morata, 1995.

FOUCALT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

NORONHA, Olinda M. **História da Educação: sobre as origens do pensamento utilitarista no ensino superior brasileiro**. Campinas, SP: Alínea, 1998.

SANTOMÉ, Jurjo T. **Política educativa, multiculturalismo e práticas culturais democráticas na sala de aula**. Anais da XIX Reunião da ANPEd, Caxambu (MG), setembro de 1996.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. Trad. Maria Paula Duarte. 6.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995 (Ensino Superior).

VEIGA, Ilma P. A., Maria E.L.M Castanho (Orgs.). "Conhecimento escolar: o mito da fronteira entre a ciência e a cultura", de Dulce Maria P. Camargo.

In **Pedagogia universitária: aula em foco**, Campinas, SP: Papirus, 2000.

Observações: As informações desse trabalho são oriundas dessa pesquisa do grupo em escolas de ensino fundamental ao ensino superior e, em sua maioria, escolas privadas, daí o resultado do título do trabalho.